

Tensões da modernidade na cidade latino-americana: a Buenos Aires letrada de Miguel Cané (1880-1905)

Viviane da Silva Araujo¹

Resumo: Este artigo analisa a passagem do entusiasmo ao desencanto face à modernização urbana de Buenos Aires a partir de 1880 no pensamento de Miguel Cané. Por meio da análise de obras ficcionais e não ficcionais do intelectual portenho da *Generación de Ochenta*, o objetivo é compreender o papel da cidade na idealização da modernidade latino-americana por elites letradas que criticaram os rumos do progresso e desenvolveram um discurso nostálgico, de cunho conservador e aristocrático, como resposta às transformações sociais e urbanas as quais se viram incapazes de domesticar.

Palavras-chave: cidade, modernidade, nostalgia

Tensions of modernity in the Latin American city: the literate Buenos Aires of Miguel Cané (1880-1905)

Abstract: This article analyzes the passage from enthusiasm to disenchantment in the face of urban modernization in Buenos Aires from 1880 on in Miguel Cané's thinking. By analyzing both fictional and non-fictional works by the Buenos Aires intellectual of the *Generación de Ochenta*, it is aimed at understanding the role of the city in the idealization of Latin American modernity by literate elites that criticized the directions of progress and developed a nostalgic discourse, conservative and aristocratic in nature, as a response to the social and urban transformations which they found themselves unable to tame.

Key words: city, modernity, nostalgia

¹ Doutora em História Social da Cultura pela PUC-Rio. Docente da Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA). E-mail viviane.araujo@unila.edu.br

Artigo recebido em:31/08/2022

Artigo aceito em: 05/11/2022

Introdução

Porque se considera demasiado europea, la elite porteña del Ochenta es dolorosamente consciente del abismo que se abre entre aquellas ciudades en las que se siente como en casa (París, Londres o Viena) y el modo provinciano en que Buenos Aires se vuelve babélica sin llegar a ser cosmopolita, dominada por el mal gusto de una nueva burguesía urbana, rastacuera, y convertida en un campamento exótico por fuerza de dos potentes corrientes de importación también europeas (digamos, la Europa real en Buenos Aires): los estilos eclécticos en los que construía sus edificios aquella nueva burguesía, con arquitectos muchas veces importados ex profeso, y las multitudes que llegaban en un conglomerado confuso, ajeno a toda idea aceptable de cultura europea. (GORELIK, 2004, p. 78)

Buenos Aires foi a primeira cidade latino-americana a adentrar o século XX com mais de um milhão de habitantes (Cf. ROMERO, 1983, p. 275), fruto, dentre outros fatores, da massiva entrada de imigrantes europeus, muitos dos quais sem qualquer especialização profissional, assim como vários que mal dominavam o castelhano. Na passagem que escolhi para iniciar este artigo, Adrián Gorelik (2004) afirma que as intensas transformações ocorridas em Buenos Aires naquele período levaram a elite portenha a experimentar uma sensação de desapontamento, pois a cidade se fazia babélica, exótica e confusa, muito distante do ideal de cultura, civilidade e urbanidade europeia capaz de fazer essa elite se sentir ali – na cidade latino-americana real – como se estivesse onde ela se sentia em casa – na cidade europeia ideal.

A criação de uma cidade moderna como estratégia para a criação de uma sociedade moderna era um ideal almejado há décadas por essa elite portenha a que Gorelik se refere, mas presente no imaginário das elites latino-americanas em geral, as

quais dirigiram os processos de consolidação dos Estados Nacionais a partir da perspectiva do desenvolvimento da modernidade – cujo lado obscuro, como argumenta Walter Mignolo (2017), é a colonialidade, fundamentada sobre uma retórica de modernidade que cria saberes e práticas econômicas que justificam o racismo, dispensam vidas humanas e naturalizam hierarquias (2017, p. 4). Para aqueles que almejavam tornar Buenos Aires a Paris sul-americana, o ideal e a retórica da modernidade contrastavam com o desenvolvimento espontâneo das realidades locais, seus conflitos e resistências, provocando uma reação conservadora e aristocrática.

Neste artigo, analiso como o intelectual portenho Miguel Cané passou, tanto em sua produção literária como em sua ação política, do entusiasmo ao desencanto em relação às transformações modernizadoras experimentadas em Buenos Aires a partir da década de 1880, desenvolvendo um olhar nostálgico face ao cosmopolitismo moderno. Busco, ainda, entender o papel da cidade de Buenos Aires no processo de modernização da Argentina nesse período e como a narrativa de Cané sobre suas experiências em outras cidades da América e da Europa conformaram o seu pensamento sobre as virtudes e os vícios (SCHORSKE, 2000) das urbes em geral, e de Buenos Aires, em particular.

O objetivo não é, contudo, ater-se unicamente ao pensamento e às ações desse intelectual em relação à cidade-capital argentina, mas buscar, a partir desta investigação, entender também o lugar do urbano na idealização da modernidade latino-americana no período da passagem do século XIX para o XX. Desse modo, inicio o artigo abordando o papel da cidade no ideal de modernidade almejado por elites intelectuais latino-americanas, suas projeções e frustrações, por meio de uma revisão bibliográfica sobre o tema. Em seguida, analiso, por meio de textos ficcionais e não ficcionais escritos por Cané na década de 1880, como sua exaltação do progresso argentino, identificado especialmente na sua cidade-capital, se desloca para um desapontamento a respeito da vinculação entre progresso material e progresso moral. E, por fim, por meio de crônicas escritas entre 1896 e 1897, quando viveu em Paris como embaixador, especialmente a

partir de “*Paris, sensación de llegada*”, analiso como Cané construiu uma interpretação sobre a mutabilidade da paisagem urbana de Buenos Aires a partir de comparações com Paris. Não a Paris real finissecular, tomada pelo espetáculo das multidões e pelos automóveis que, segundo ele, só refletiam a decadência moral e estética do mundo moderno, mas a Paris como cidade ideal, destinada a ser no mundo contemporâneo o farol da civilidade que as cidades gregas teriam sido no berço da cultura ocidental.

A cidade, os intelectuais e a produção do moderno na América Latina

Desde pelo menos a publicação em 1976 de “*América Latina: as cidades e as ideias*”, do historiador argentino José Luis Romero, diversos estudiosos vêm destacando que a construção e as modificações empreendidas nas cidades expressam o desejo das elites e classes dirigentes de dirigir o desenvolvimento das sociedades latino-americanas. Tais estudos mostram como a análise do papel da cidade é fundamental para a compreensão da nossa história e do processo de construção da modernidade ocidental. O papel decisivo do urbano nesse percurso não se limita às funções administrativas e mercantis que secularmente a cidade desempenha, mas porque ela é o local a partir do qual se desenvolvem diagnósticos, estratégias e projeções em relação a um universo muito mais extenso que seus próprios limites temporais e espaciais.

Romero produziu um trabalho pioneiro no campo da história das ideias ao buscar uma chave de leitura para a história da América Latina por meio da história de suas cidades, abordando-as de modo ampliado tanto no tempo, desde a conquista até o século XX, quanto no espaço, sem se limitar a fronteiras nacionais. Logo na primeira frase do livro, declara que seu objetivo é responder sobre o papel desempenhado pelas cidades no processo histórico latino-americano. Embora reconhecendo as particularidades de cada época e cada lugar, Romero afirma o papel decisivo das cidades para as configurações política, social e cultural de todo o continente,

identificando nas cidades o local da formação das ideologias, elaboradas a partir de elementos externos e internos, que exercem a função de tentar moldar a sociedade. O jogo entre os programas idealizados e as realidades sociais, nunca obedientes aos desígnios do planejamento, com seus êxitos, fracassos e desvios, acompanha todo o percurso de seu estudo.

Para Romero, o período compreendido entre 1880 e 1930 se caracteriza pelo surgimento do que ele denomina de cidades burguesas, quando o desejo de consolidar o papel da América Latina no novo cenário do mundo capitalista aglutinou as burguesias locais em torno de uma noção otimista em relação à capacidade transformadora daquilo que era entendido como o progresso. Defensora da infalibilidade da ciência e da superioridade da raça branca, essa nova ideia de progresso deixava de significar a conquista progressiva da racionalidade, tal como pensada por intelectuais europeus do século XVIII, para se tornar a contínua conquista da natureza a serviço do homem, da produção de bens, riquezas, e bem-estar material. Almejando fazer parte desse processo, que na Europa estava diretamente relacionado ao desenvolvimento da ciência e da indústria, mas que na América Latina se tratava mais de um desejo programático que de uma realidade tangível, “pareceu imprescindível incorporar-se àquela corrente importando os produtos que eram frutos do progresso, primeiro, e organizando, depois, os sistemas para possibilitar essa incorporação de maneira sólida e definitiva” (ROMERO, 2009, p. 343). Romero apresenta então a hipótese de que a modernidade finissecular latino-americana se distingue fundamentalmente daquela experimentada nas cidades europeias: aqui, a importação dos produtos, que na Europa resultavam do avanço tecnológico da indústria e da ciência, não passava de uma antecipação, um desejo, um projeto.

Décadas mais tarde, Adrián Gorelik (2003, 2004) desenvolve tal argumento advertindo que a modernidade urbana experimentada nas cidades latino-americanas é original e complexa e se diferencia significativamente das experiências europeias. Nesse sentido, embora o modelo da reforma urbana parisiense empreendida pelo barão de

Hausmann tenha sido apropriado nas reformas de Torcuato de Alvear, em Buenos Aires (1880-1887), de Pereira Passos, no Rio de Janeiro (1902-1806) e em outras reformas urbanas latino-americanas, Gorelik afirma que entender a “hausmannização” como única chave de leitura que simplifica a complexa circulação internacional de ideias sobre as funções e os impactos das reformas urbanas. E, mais que isso, diferentemente da cidade-capital francesa e de outras metrópoles europeias, nas cidades latino-americanas a modernidade não surge em decorrência dos processos de transformações sociais e materiais do desenvolvimento capitalista, mas se antecipa a estes a partir de uma intenção deliberada de produzir o moderno. Nas palavras de Gorelik:

La ciudad, como concepto, es pensada como el instrumento para arribar a otra sociedad – a una sociedad precisamente moderna –; por lo tanto, su carácter modélico, ideal, no puede ser puesto en cuestión por los ejemplos de ciudades sin duda imperfectas que produce esa sociedad real: “inventar habitantes con moradas nuevas” fue la consigna de Sarmiento que con mayor capacidad de síntesis muestra la circularidad de la convicción iluminista sobre las virtudes educativas de la modernidad urbana. Esto significa que, en América, la modernidad fue un camino para llegar a la modernización, no su consecuencia; la modernidad se impuso como parte de una política deliberada para conducir a la modernización, y en esa política la ciudad fue el objeto privilegiado. (GORELIK, 2003, p. 13)

A convicção de intelectuais da *Generación de 37*, como Domingo Faustino Sarmiento (1811-1888), que defendia ser possível “inventar habitantes” a partir da renovação do espaço habitado, e de Juan Bautista Alberdi (1810-1884), de que não era necessário temer a babel de raças e línguas trazida pela imigração europeia, pois ela era o caminho para o progresso argentino, demonstrando a importância da prospecção no pensamento de intelectuais argentinos do século XIX. É necessário advertir, contudo, que nem todos os intelectuais latino-americanos do século XIX eram membros das elites políticas e econômicas, que a distinção entre o domínio do cultural e do político se ampliou a partir da passagem para o século XX e que diversos intelectuais buscaram,

por meio de sua atuação, combater a submissão da América Latina aos padrões eurocêntricos e imperialistas. Foram os intelectuais que articulavam privilégio econômico, político e cultural que visaram à incorporação da América Latina no concerto da modernização capitalista que avançava a partir da segunda revolução industrial e que se articulava ao contexto da consolidação dos Estados Nacionais latino-americanos. Tal modernização existiu como aspiração e imagem idealizada nos anseios dessas elites antes mesmo de existir como um conjunto de transformações materiais, sociais e econômicas (ALTAMIRANO, 2008, p. 9).

Essa atuação racionalizante e prospectiva de intelectuais latino-americanos e sua relação com a cidade – tanto no sentido do lugar a partir do qual as elites letradas operam tanto como o ambiente urbano propriamente dito – é analisada por Angel Rama em “A cidade das letras” (1985). Seja na construção ou na reforma de cidades, Rama entende que o desenvolvimento urbano tem sido parte do processo de transformação social desse “novo mundo” desde o princípio da colonização, partindo de projetos de desenvolvimento ordenados, planejados e promotores de hierarquias. Esses letrados, embora heterogêneos – desde membros da Igreja e da burocracia estatal no período colonial, aos intelectuais e grupos dirigentes das nações independentes até, a partir do final do século XIX, pedagogos e periodistas provenientes por vezes de camadas mais populares da sociedade – representaram historicamente as relações entre as classes letradas e as estruturas de poder, ainda que novos elementos incorporados às camadas letradas também tenham desenvolvido um sentido crítico e desafiado as estruturas estabelecidas. Mais ou menos associados às esferas propriamente governamentais, os intelectuais são os “desenhistas de modelos culturais, destinados à constituição de ideologias públicas” (RAMA, 1985, p. 47).

Ao traçar uma linha de continuidade que abarca desde a reconstrução de Tenochtitlán pelos colonizadores espanhóis no século XVI até a edificação de Brasília no século XX, Rama entende a cidade latino-americana como o lugar material e

simbólico que condensa as expectativas de construção do novo no continente americano:

Desde a remodelação de Tenochtitlán, logo depois de sua destruição por Hernán Cortés em 1521, até a inauguração, em 1960, do mais fabuloso sonho de urbe de que foram capazes os americanos, a Brasília, de Lúcio Costa e Oscar Niemeyer, a cidade latino-americana veio sendo basicamente um parto da inteligência, pois ficou inscrita em um ciclo da cultura universal em que a cidade passava a ser um sonho de uma ordem e encontrou, nas terras do Novo Continente, o único lugar propício para encarnar. (RAMA, 1985, p. 23)

Tenochtitlán foi refeita a partir da perspectiva do colonizador após a conquista a partir da destruição dos antigos e da construção de novos signos sobre o mesmo território, enquanto Brasília foi construída sobre o “nada”, projetada para ser a capital da República brasileira numa região muito distante dos centros historicamente construídos de poder político, cultural e econômico. Ainda assim, Rama conseguiu reunir esses dois casos muito distintos de cidades latino-americanas como exemplos daquilo que denominou “parto da inteligência”, de modo a argumentar que fazer tábula rasa sobre o passado para criar o futuro, “que é apenas sonho da razão” (RAMA, 1985, p. 27) esteve na base de tais projetos desde os primórdios da colonização. Isso não significa afirmar que sejam insignificantes as diferenças entre projetos urbanos e, por conseguinte, projetos de inserção dessa porção da América no conserto da modernidade ocidental ao longo de todos esses séculos.

Para Rama, a invenção é uma marca da história da América, continente entendido como novo e, portanto, moldável a partir dos princípios da racionalidade letrada. Para Edmundo O’Gorman (1992), há a partir da invenção da América uma reinvenção do mundo: um mundo entendido pelo homem europeu, que é também então inventado, não como dividido em diferentes partes, mas como contínuo e universal. A partir do momento em que a América e seus habitantes são integrados ao curso da história universal, entende-se que é possível realizar outra Europa na América. A ideia

de que aqui se poderia construir um mundo novo se articula à noção de que criar idealmente o moderno corresponde a construí-lo também materialmente, nesse sentido, as cidades tiveram um papel fundamental nessa construção.

No período ao qual me dedico neste artigo, as reformas urbanas foram parte das estratégias de invenção de sociedades modernas na América Latina e, para tanto, as cidades precisavam ser adaptadas, não só em sua configuração espacial, mas em sua maneira de habitar esses espaços. A proibição de determinadas práticas de lazer, habitação e comércio, por exemplo, atendiam à demanda de higienização de cidades cada vez mais populosas e de população heterogênea. Mas enquanto vias de comunicação e redes de abastecimento eram ampliadas, buscava-se também transformar sociabilidades cujo objetivo era provocar gostos e hábitos “civilizados”, ainda que mulheres trabalhadoras pobres, como as “mariposas do luxo” tão ricamente descritas por João do Rio (2008), pudessem apenas suspirar diante das vitrines das lojas que exibiam os elegantes trajes e acessórios que elas não podiam consumir de outro modo que não fosse por meio da imaginação.

As reformas que em poucos anos transformaram radicalmente as paisagens urbanas, o crescimento populacional e o confronto entre o projeto modernizante implantado desde cima com as táticas utilizadas por seus habitantes para (sobre)viver nessas cidades provocaram uma reação nostálgica em elites locais outrora entusiasmadas. Ao perceberem que o progresso econômico, o aumento populacional, as transformações sociais e espaciais também introduziram efeitos indesejados, membros das mesmas elites modernizadoras começaram a temer os impactos da vida moderna que o cotidiano revelava. Em Buenos Aires, esse movimento nostálgico foi particularmente acentuado. Diante de tantas mudanças, emergia o questionamento a respeito do destino para o qual esse progresso estava levando e o clima de euforia trazido pela modernização argentina, evidenciado, sobretudo na cidade-capital, que em poucos anos começou a dividir espaço na produção intelectual com dúvidas e vacilações, uma dissociação entre progresso material e progresso moral.

A condenação moral e estética da cidade que surgia diante dos olhos da elite portenha se baseava, segundo Gorelik (2004), no fato de que seus membros permaneciam olhando para as metrópoles europeias como modelos a seguir, mas já não enxergavam como aquela Babel sul-americana se transformaria numa cidade adequadamente europeia, isto é, numa Europa ideal. Desse modo, se o otimismo em relação aos avanços econômicos e ao futuro da Argentina no cenário capitalista internacional foi uma forte característica do período que compreende o último quartel do século XIX e o primeiro do século XX, as críticas de cunho conservador e aristocrático ao modo como esses mesmos avanços iam alterando tanto a aparência quanto a maneira como se vivia na agora metrópole também foram numerosas.

Ao estudar alguns dos principais expoentes do pensamento argentino da passagem do século XIX para o XX, Oscar Terán (2008) caracterizou como lamentos as críticas de Santiago de Calzadilla, Paul Groussac, Vicente Quesada e de Miguel Cané – identificado pelo historiador como o representante arquetípico da sua geração. Para Terán, ao lamentar a dissolução de antigos costumes, manifestando pesar pelos resultados do ingresso da Argentina nesse novo mundo burguês e cosmopolita enquanto miravam o passado com nostalgia, esses intelectuais retomavam um tópico basilar da cultura ocidental, o qual confronta o material, visto como inferior, e o espiritual, entendido como superior. Desde o lamento de Platão, tal dicotomia se sustenta pela *“creencia en que el comercio corrompe las costumbres puras, por lo cual desde entonces el impulso adquisitivo de bienes económicos ha sido diabolizado como típico de la parte más baja del alma y de los estratos más depreciables de la comunidad”* (2008, p. 52). Ao mesmo tempo, Terán chama a atenção para o fato de que as críticas às transformações geradas pela modernidade partiam, muitas vezes, dos mesmos homens que a levavam a cabo, gerando discursos *“complejos y correctivos que desearían cumplir el papel de lanza mítica capaz de curar las heridas que ella misma produce”* (2008, p. 20). Não se tratavam, portanto, de discursos contrários ao progresso, mas de

uma espécie de remédio que teria a função, ao menos, de tentar amenizar os sintomas resultantes da febre modernizadora.

Na base das queixas desses intelectuais se encontra um conteúdo conservador e aristocrático, assentado sobre a preocupação de como manter as antigas hierarquias sociais num mundo que passava a viver o fenômeno da multidão, do anonimato e da mobilidade social. Determinadas consequências da prosperidade econômica passavam a ser avaliadas como os sinais de degeneração moral: a massa heterogênea de imigrantes que ameaçava dissolver o caráter nacional, a perda de antigas referências da sociedade patriarcal, a primazia dos valores materiais sobre os espirituais e a democracia entendida como triunfo da mediocridade burguesa. Como salienta Marshall Berman, ao mesmo tempo em que o ambiente moderno “promete aventura, poder, alegria, crescimento, autotransformação e transformação das coisas ao redor”, também “ameaça destruir tudo o que temos, tudo o que sabemos, tudo o que somos” (1986, p. 15).

A cidade latino-americana, como ideal, seguia sendo vinculada à modernidade civilizadora europeia, mas a experiência de habitar cidades caleidoscópicas e incontroláveis provocou nesses críticos nostálgicos uma repulsa não pelo processo de modernização urbana em si, mas pelos seus efeitos não planejados. O futuro moderno já não apontava para o progresso, mas para a perda dos antigos valores. Os efeitos não previstos e não desejados, frutos da própria dinâmica do crescimento urbano, ao mesmo tempo em que suprimiam velhos entraves ao desenvolvimento moderno capitalista ocidental, criavam outros conflitos, novos e desconhecidos para essas elites, e as cidades se transformavam não só por meio dos projetos modernizadores, mas a despeito deles.

A Buenos Aires de Cané entre a virtude e o vício

Miguel Cané (1851-1905) nasceu em Montevideu, onde seus pais, Eufemia Casares Morales e Miguel Toribio Cané Andrade², estavam exilados graças à sua oposição ao regime rosista. A família retornou para Buenos Aires após a queda de Juan Manuel de Rosas em 1852. Em Buenos Aires, que fortuitamente não foi sua cidade natal, Cané desenvolveu sua vida intelectual e política e, ao longo de toda a sua vida, essa cidade foi um importante centro de gravidade do seu pensamento. Cané estudou no Colégio Nacional de Buenos Aires, onde outros destacados membros da elite argentina também realizaram seus estudos secundários, iniciou sua carreira de jornalista nos jornais *La Tribuna* e *El Nacional* e se graduou em direito pela Universidade de Buenos Aires em 1878. Foi também fundador da Faculdade de Filosofia e Letras da Universidade de Buenos Aires, diretor geral dos Correios e Telégrafos, deputado, senador, diplomata, ministro de relações exteriores e prefeito de Buenos Aires entre 1892 e 1893.

Cané e outros intelectuais argentinos de sua geração experimentaram a consolidação de grandes bandeiras de gerações anteriores como o programa imigratório, a federalização da cidade de Buenos Aires, a delimitação das fronteiras nacionais por meio da conquista militar de territórios na Patagônia e no Chaco, a consolidação do papel do país como exportador de produtos agropecuários. Se em 1852, quando Cané ainda era um bebê e Alberdi publicava “*Bases y Puntos de partida para la organización política de la República de Argentina*”, o país não oferecia a segurança para atrair braços ou capitais suficientes para produzir bens em escala internacional e a inserção do país no mercado capitalista mundial era frágil, os dirigentes políticos pós-Caseros lograram transformar profundamente esse cenário, garantindo a propriedade privada, a segurança jurídica e o livre movimento de capitais com os quais chegaram também os investimentos estrangeiros e os almejados imigrantes europeus.

² Assim como o filho, também foi advogado, político e jornalista. Muitas vezes a referência ao pai aparece apenas como Miguel Cané, enquanto seu filho é identificado como Miguel Cané (h).

A cidade de Buenos Aires experimentou profundas transformações a partir da década de 1880. Sua federalização, com a construção da cidade de La Plata para servir de capital provincial, selou o fim de um longo período de guerras entre Buenos Aires e as demais províncias e garantiu a nacionalização dos rendimentos portuários. Com a *pax roquista*, sob o lema “paz e administração”, a primeira presidência de Julio Argentino Roca (1880-1886) priorizou a solução de conflitos internos e fez da cidade capital um exemplo da modernização do país. Roca foi novamente eleito Presidente para o mandato entre 1898-1904. Torcuato de Alvear, que se tornaria conhecido como o “Hausmann argentino”, presidiu entre 1880 e 1883 a *Comisión Municipal* e em seguida foi designado por Roca como Primeiro Intendente da municipalidade de Buenos Aires, cargo que exerceu por dois mandatos consecutivos (1883-85/1885-87).

Sob a gestão de Torcuato de Alvear foram empreendidas diversas iniciativas ligadas ao embelezamento e à melhoria das condições de salubridade, como o alargamento das ruas estreitas do centro, a construção ou recuperação de cemitérios, hospitais, praças e passeios, a regulamentação de matadouros e de mercados de abastecimento, a vacinação obrigatória contra a varíola, além de obras com apelo não apenas funcional mas simbólico, como a construção da *Plaza de Mayo* a partir da unificação da das antigas *Plaza de la Victoria* e da *Plaza 25 de Mayo*, com a demolição da *Recova Vieja*, em 1884, e dos primeiros projetos para a abertura da *Avenida de Mayo*, a qual seria inaugurada na década seguinte. Uma transformação inédita até então numa capital latino-americana.

A reforma da região central empreendida a partir das reformas de Alvear envolveu o alargamento para além do antigo centro e exigiu uma reconfiguração da infraestrutura urbana, como a expansão do transporte, do abastecimento de água e da iluminação pública, por exemplo. A ocupação das periferias, tanto para abrigar moradias quanto estabelecimentos industriais e mercantis foram ao mesmo tempo causa e consequência da explosão demográfica ocasionada, sobretudo, pela entrada massiva

de imigrantes europeus. As reformas urbanas respondiam, portanto, a demandas materiais, socioeconômicas e simbólicas.

Como outras cidades latino-americanas que foram transformadas a partir do modelo da reforma empreendida pelo barão de Haussmann em Paris, Buenos Aires deveria se afastar da imagem de “grande aldeia” para se converter numa metrópole moderna, enchendo de orgulho aqueles que entendiam tais reformas como uma das estratégias centrais para o arrasamento do velho, do sujo e provinciano, substituindo-os pelo moderno, salubre e cosmopolita (ARAÚJO, 2016). Afinal, as ruas estreitas e mal calçadas, a conversão de velhos casarões em cortiços, a insalubridade e a aparência decadente dos antigos centros eram aspectos que incomodavam as classes altas locais. Ainda que reformas urbanas de caráter espetacular não tenham sido realizadas em todas as capitais latino-americanas, a ideia de demolir a velha cidade de feições coloniais a fim de criar em seu lugar uma nova cidade de traçado moderno simbolizava o triunfo do progresso para elites convictas das virtudes pedagógicas do meio urbano.

Carl Schorske (2000) discerniu três linhas de pensamento desenvolvidas por intelectuais europeus sobre as cidades europeias, mas que são bastante úteis para embasar a reflexão que faço aqui a respeito do pensamento de Miguel Cané e seu olhar específico sobre a cidade de Buenos Aires. As duas primeiras linhas são diametralmente opostas: de um lado, a noção iluminista da cidade como virtude, do outro, a frustração desse otimismo que tornou a cidade a sede dos vícios. Já a terceira rompe com esse dualismo a partir de uma atitude que desafia os pressupostos morais que serviam para identificar a cidade seja com a virtude ou com o vício, situando-a para além do bem e do mal.

Segundo os preceitos iluministas desenvolvidos no contexto europeu do século XVIII, a cidade era o lugar do comércio, da indústria, das instituições livres e das artes, um ambiente que garantia a liberdade e recompensava o talento individual. Vista como local onde a interação entre os indivíduos era mais dinâmica e a mobilidade social era

possível, a noção da cidade como virtude pressupunha que a proximidade entre ricos e pobres estava longe de ser um problema, ao contrário, possibilitava que os pobres encontrassem um modelo a imitar (SCHORSKE, 2000, p. 55).

Embora a ideia da cidade como virtude não tivesse sido abandonada pelos intelectuais europeus do século XIX, os efeitos danosos da industrialização e do crescimento demográfico urbano motivaram o surgimento da noção da cidade como vício. Schorske afirma que essa crítica decorria das esperanças iluministas frustradas e se articulava, de um lado, a partir de uma noção arcaizante, que recusava a grande cidade e exaltava as pequenas vilas do passado; por outro, por intelectuais que mesmo reconhecendo os males da grande cidade moderna vislumbravam reformá-la. Esses intelectuais reformadores, especialmente os socialistas, embora deplorassem o espetáculo da pobreza, descaso e opressão observado no presente, não poderiam ver no retorno ao passado uma redenção, e por isso abraçaram o futuro. Já para os críticos nostálgicos, a cidade moderna se situava no processo histórico entre um passado idílico e um futuro decadente.

Miguel Cané entendia a cidade, de modo amplo, como metonímia da sociedade e cedo passou a se mostrar receoso quanto aos rumos das transformações urbanas. Foi a princípio um entusiasta das reformas urbanas de Buenos Aires, chegando a elaborar algumas sugestões a respeito da ornamentação e das regras de circulação que deveriam ser obedecidas a partir da obra mais simbólica do período: a abertura da *Avenida de Mayo*. Em cartas analisadas por Elisa Radovanovic (2002) endereçadas a Torcuato de Alvear e ao presidente Carlos Pellegrini, Cané propôs, por exemplo, que o trânsito de bondes fosse proibido no novo *boulevard*, sugeriu que a disposição de mesas nas calçadas seguisse o modelo de Paris, que seu calçamento fosse feito de madeira e que este não deveria ser arborizado com palmeiras, mas com álamos e eucaliptos. Para Terán, propostas como essas demonstram que Cané e outros membros da classe alta portenha acreditavam ocupar um lugar sociopolítico e cultural que lhes garantia o direito de intervirem na cidade como se ela fosse o seu “jardim pessoal” (2008, p. 27).

A cidade ideal de Cané era aristocrática, reunindo indústria e arte, a beleza das formas materiais e o refinamento dos gostos. Em seu pensamento, era impossível que a cidade se situasse além do bem e do mal (SCHORSKE, 2000), perspectiva que se desenvolverá mais tarde a partir da produção de artistas e intelectuais modernistas periféricos nas décadas de 1920-30 (SARLO, 2007). Para Cané, a modernização e o cosmopolitismo só deveriam avançar enquanto não se desdobrassem em democratização, massificação ou subversão das hierarquias tradicionais, desdobramentos que ele entendia como decadência. Modernizar a cidade, de modo a controlar o seu desenvolvimento, não significava apenas a solução dos problemas urbanísticos, sanitários ou administrativos, mas, principalmente, deveria promover uma vida ordenada e civilizada. Para as elites que se propuseram a gerir o processo modernizador, uma cidade embelezada, limpa e grandiosa conduziria a sociedade à grandeza do mesmo modo que uma cidade suja e acanhada levaria a sociedade a um destino igualmente mesquinho.

Assim como seus compatriotas Paul Groussac e Ernesto Quesada, Miguel Cané antecedeu alguns preceitos sobre os vínculos profundos da América de colonização ibérica e a herança da cultura latina que se desenvolverão poucos anos depois a partir do impacto da publicação de *Ariel* por José Enrique Rodó entre os jovens intelectuais latino-americanos (Cf. VALDÉS, 2000). Cané identificou vínculos culturais entre as cidades latino-americanas e as cidades europeias que as diferenciam profundamente das cidades que visitou entre 1881 e 1882 nos Estados Unidos, apontando para a superioridade dos valores morais, intelectuais e estéticos das cidades latinas como mais valiosos que qualquer sucesso econômico no gigante do Norte. Ao descrever suas impressões sobre Nova Iorque em “*En viaje*” (1881-1882), livro publicado em 1884 reunindo notas de viagem tomadas por ele enquanto percorreu como diplomata países da Europa, América Central, América do Sul e do Norte.

Embora tenha observado algumas belezas na cidade de Nova Iorque, Cané criticou veementemente a supremacia das relações mercantis e utilitárias sobre os

valores espirituais, que eram para ele sintomas de uma frágil vida intelectual na qual um Rousseau nunca teria sido possível (CANÉ, 1917, p. 130). Traçando uma conexão profunda entre Europa e América do Sul como povos latinos, Cané só conseguiu olhar para Nova Iorque – que aparece ali como metonímia da sociedade estadunidense – com profundo estranhamento:

La impresión predominante es que uno se encuentra en un mundo nuevo, extraño, diferente a aquel en que estamos acostumbrados a vivir. Juzgo que para un latino cuya vida ha pasado en el seno de sociedades cultas y educadas, será difícil connaturalizarse con el modo de ser yanqui, áspero y egoísta en sus formas. La preocupación del dinero predomina sobre todas; el público sabe casi diariamente, por la publicidad de los periódicos, el estado de fortuna de un Vanderbilt o de un Stewart, lo que gastan en su mesa, la materia de que se componen los utensilios más insignificantes o característicos del hogar. Aquéllos que gimen sobre los abusos de la prensa en Sud América o en Francia, podrían difícilmente citarnos el ejemplo de los Estados Unidos (CANÉ, 1917, p. 130).

Cané entendia que o progresso moral deveria ser a finalidade de todo progresso material, demonstrando entusiasmo pelo progresso econômico apenas quando este se vinculava ao que ele próprio identificava como sinais de progresso moral, intelectual ou espiritual. A expansão das atividades comerciais e da imigração, por exemplo, orgulhavam-no por causa de suas implicações no aperfeiçoamento dos padrões de civilidade da sociedade argentina, condensada nas virtudes de Buenos Aires, como podemos observar no fragmento a seguir, extraído da introdução do mesmo livro de viagens:

¿Qué extranjero podrá creer, al encontrarse en el seno de la culta Buenos Aires, en medio de la actividad febril del comercio y de todos los halagos del arte, que en 1820 los caudillos semibárbaros ataban sus potros en las rejas de la plaza de Mayo, o que en 1840 nuestras madres eran vilmente insultadas al salir de las iglesias? Si el camino material que hemos hecho es enorme, nuestra marcha moral es inaudita. A mis ojos, el progreso en las ideas de la sociedad argentina es uno de los fenómenos intelectuales más curiosos de nuestro siglo. Y al hablar de las ideas argentinas, me refiero a

las de toda la América, aunque el fenómeno, por causas que responden a la situación geográfica, a la naturaleza del suelo y a la poderosa corriente de emigración europea, no presenta en ninguna parte el grado de intensidad que en el Plata (CANÉ, 1917, p. 18).

O entusiasmo em relação ao progresso argentino, exemplificado particularmente pela cidade-capital, fica evidente nessa passagem da introdução de “*En viaje*” (1881-1882). O orgulho de ver Buenos Aires deixar de ser o lugar habitado por rudes caudilhos “semibárbaros” para se tornar uma cidade culta e capaz de provocar a admiração dos estrangeiros demonstra as tendências de Cané a considerar a urbanidade uma virtude e a entender o desenvolvimento urbano como o avanço da civilização sobre a barbárie. Nesse caso, a virtude de Buenos Aires se concretizava a partir de um progresso simultaneamente moral e material, revelando o potencial da sociedade para o aperfeiçoamento.

Contudo, poucos anos após escrever esse elogio à Buenos Aires de seu tempo em comparação à cidade do passado rosista, Cané trouxe em contos como “*Tucumana*”, “*De cepa criolla*”, “*En el fondo del río*” e “*A las cutillas*” temas como o desconforto das elites argentinas face à entrada massiva de imigrantes. O incômodo em relação às mudanças produzidas pela modernização na estrutura social e o elogio da tradição *criolla* são tematizados nesses contos reunidos e publicados em 1902 em “*Prosa ligera*”, quando o próprio Cané apresenta tais textos ficcionais como resultados de “*un estudio de nuestra sociabilidad en aquel momento*” (1903, p. 90).

Em *Tucumana* podemos observar como aquilo que Cané descreve como a antiga vida patriarcal do campo – “não tão ruim como se pensava”, segundo Segovia, o protagonista do conto – é tomada como contraposição às novidades da cidade moderna, remetendo a fazenda do interior de província a uma espécie de “feudalismo americano”, livre da mobilidade social, da flutuação das fortunas e do “cosmopolitismo democrático” que corrompem os antigos costumes:

Cómo Segoyia, su mujer y Clara amaban la hacienda. No sólo encontraban allí una vida de paz y tranquilidad, sino también aquel secreto halago que tan profundamente han de haber sentido nuestros padres y que para nosotros se ha desvanecido por completo, arrastrado por la ola del cosmopolitismo democrático: la expresión de respeto constante, la veneración de los subalternos como á seres superiores, colocados por una ley divina é inmutable en una escala más elevada, algo como un vestigio vago del viejo y manso feudalismo americano. Dónde, dónde están los criados viejos y fieles que entreví en los primeros años en la casa de mis padres? ¿Dónde aquellos esclavos emancipados que nos trataban como a pequeños príncipes, dónde sus hijos, nacidos hombres libres, criados a nuestro lado, llevando nuestro nombre de familia, compañeros de juego en la infancia, viendo la vida recta por delante, sin más preocupación que servir bien y fielmente? El movimiento de las ideas, la influencia de las ciudades, la fluctuación de las fortunas y la desaparición de los viejos y sólidos hogares, ha hecho cambiar todo eso. Hoy nos sirve un sirviente europeo que nos roba, se viste mejor que nosotros y que recuerda su calidad de hombre libre apenas se le mira con rigor. Como contrapartida, emerge la revalorización de las provincias del interior y sobretudo de las campañas, donde quedan aún rastros vigorosos de la vieja vida patriarcal de antaño, no tan mala como se piensa... (CANÉ, 1903, pp. 70-71)

Na velha vida patriarcal desenhada por Cané em *Tucumana*, os criados serviam aos seus padrões com veneração e fidelidade e tratavam os filhos destes como “pequenos príncipes”, em contraposição ao atual empregado descrito a partir da figura de um imigrante europeu insubmisso, indiferente e que “nos rouba”. São esses novos empregados imigrantes que substituem os antigos criados dos tempos da infância de Segovia, fiéis escravos emancipados e seus descendentes. A frustração com o rumo das transformações e a reação frente ao declínio de antigos hábitos e vínculos sociais e, com eles, antigos privilégios, foram apresentadas aos leitores da produção ficcional de Cané a partir do olhar de personagens que criticavam as mudanças nos padrões de sociabilidade do seu tempo.

A famosa citação de *De cepa criolla* “cerremos el círculo y velemos sobre él”, muitas vezes utilizada como se fosse uma frase dita pelo próprio Cané e não pelo jovem fazendeiro portenho educado na Inglaterra, Carlos Narbal, protagonista do conto, também tematiza o desejo da elite portenha de defender seus privilégios da “turba” de imigrantes e novos ricos oriundos de uma burguesia sem berço. Nesse caso, o que se

quer preservar são as virginais, finas e delicadas mulheres “de casta”, isto é, do “nosso grupo pátrio”:

No tienes idea de la irritación sorda que me invade cuando veo a una criatura delicada, fina, de casta, cuya madre fue amiga de la mía, atacada por un grosero ingénito, cepillado por un sastre, cuando observo sus ojos clavarse bestialmente en el cuerpo virginal que se entrega en su inocencia... Mira, nuestro deber sagrado, primero, arriba de todos, es defender nuestras mujeres contra la invasión tosca del mundo heterogéneo, cosmopolita, híbrido, que es hoy la base de nuestro país. ¿Quieren placeres fáciles, cómodos o peligrosos? Nuestra sociedad múltiple, confusa ofrece campo vasto e inagotable. Pero honor y respecto a los restos puros de nuestro grupo patrio; cada día, los argentinos disminuimos. Salvemos nuestro predominio legítimo, no sólo desarrollando y nutriendo nuestro espíritu cuanto es posible, sino colocando a nuestras mujeres, por la veneración, a una altura a que no llegan las bajas aspiraciones de la turba. Entre ellas encontremos nuestras compañeras, entre ellas las encontrarán nuestros hijos. Cerremos el círculo y velemos sobre él (CANÉ, 1903, p. 130).

Pablo Ansolabehere (2009) problematiza a circulação da última frase da passagem acima extraída do contexto da obra em estudos que investigam o pensamento da elite portenha no período entre a década de 1880 e o Centenário em 1910. Já Oscar Terán afirma que tal como em outros intelectuais latino-americanos do século XIX, a narrativa ficcional de Cané não se constituía como um exercício independente, mas uma continuidade de sua ação política (2012, p. 114). Em grande medida, a utilização dessa e de outras frases extraídas da obra ficcional de Cané a fim de sintetizar as suas críticas aos impactos da imigração por parte da classe alta da província de Buenos Aires se relaciona aos posicionamentos políticos assumidos por Cané, especialmente a partir da década de 1890.

A questão da imigração exerceu um papel central nesse sentido. Em 1883, ano em que escreveu a introdução do livro *En Viaje*, cujo fragmento vimos anteriormente, cerca de 85 mil imigrantes se fixaram na Argentina, sendo que a maior parte se instalou em Buenos Aires (CIBOTTI, 2010, p. 367). Cané demonstrou ali um profundo

contentamento ao apresentar a nova Buenos Aires como a “cidade culta” que tomou o lugar que antes havia sido habitado por “rudes caudilhos semibárbaros”. Uma década mais tarde, contudo, sua desconfiança em relação à imigração ultrapassou o domínio literário e serviu de base para a criação de uma lei que garantiu o direito de expulsar imigrantes do país. Em 1899, quando ocupava o cargo de senador, Cané redigiu e apresentou ao congresso nacional o projeto de lei *Expulsión de extranjeros*, que seria aprovado com algumas modificações em 1902, permitindo ao Poder Executivo federal deportar estrangeiros considerados perigosos para a ordem pública e a segurança nacional. Não por acaso, essa lei se tornou conhecida como Lei Cané. Sua aprovação, em novembro de 1902, se relacionou diretamente ao recrudescimento dos conflitos entre empregados e patrões desde os primeiros meses daquele ano e que em novembro culminaram numa greve geral que paralisou o porto de Buenos Aires.

A necessidade de expulsar do país os estrangeiros indesejáveis defendida por Cané (1899) evidencia uma profunda transformação na imagem do imigrante para as elites argentinas. Se em meados do século XIX Alberdi advertiu que a babel de raças e línguas provocada pela imigração europeia não deveria provocar temor, na década de 1890 essa estratégia de condução política do país, segundo o preceito de que “governar é povoar”, começou a ser severamente questionada. Os imigrantes provocavam suspeita e eram cada vez mais associados à incivilidade e à desordem. Na prática, a lei serviu para conter o avanço de grupos de imigrantes anarquistas no mundo do trabalho urbano e criminalizar seu ativismo político (DOMENECH, 2015).

Se até a década de 1880 muitos imigrantes europeus se declararam agricultores ao chegarem à Argentina, o número de pessoas que assumia se dedicar a ofícios urbanos ou simplesmente não tinha uma ocupação determinada aumentou com o passar dos anos. Cada vez mais as elites locais se davam conta de que os imigrantes que chegavam ao país não correspondiam exatamente ao que havia sido almejado. Não eram os ingleses empreendedores que, com seus hábitos de ordem, disciplina e indústria, trariam civilização para o “deserto” sul-americano, mas um contingente formado em grande

parte por espanhóis e italianos pobres e insubmissos, os quais se instalaram, sobretudo, na cidade de Buenos Aires, abarrotando os seus cortiços e reivindicando direitos.

O anonimato, a mobilidade social, os novos conflitos entre patrões e empregados, cada vez mais distanciados das antigas relações patriarcais, os novos ricos e os novos pobres, imprimiram à cidade uma feição caleidoscópica e o que era visto como oportunidade de ascensão socioeconômica para alguns era visto como ameaça para outros. Para Romero (2009), manifestações antimodernas e antiburguesas eram evidências da repulsa de grupos aristocráticos diante do novo mundo burguês e, ao mesmo tempo, da sua incapacidade de impedir seu desenvolvimento.

De repente, o velho patriciado percebeu, antes do que todos, que sua cidade, “a grande aldeia”, começava a transformar-se em um conglomerado heterogêneo e confuso, em que se perdiam pouco a pouco as possibilidades do controle da sociedade sobre cada um de seus membros, à medida que desaparecia a antiga relação direta de uns com os outros. (...) Foram eles que começaram a dar um passo atrás, que os relegaria à condição de grupo aristocrático e desdenhoso e, na mesma medida, submisso e passivo. (ROMERO, 2009, p. 296)

Na crônica que analisarei mais detidamente no próximo subitem, Cané chegou a afirmar que temia que sua nostalgia fosse considerada bárbara e, portanto, mal vista por seus compatriotas. Mas sua percepção foi na verdade compartilhada por vários intelectuais argentinos contemporâneos. Obras como “*Memorias de un viejo*” (1889), de Víctor Galvez, pseudônimo de Vicente Quesada; “*Las beldades de mi tiempo*” (1891), de Santiago de Calzadilla; “*La sociedad de antaño*” (1908), de Octavio C. Batolla, para citar apenas alguns exemplos, representaram a Buenos Aires da infância de seus autores como uma cidade harmoniosa, habitada por pessoas muito mais virtuosas que as do momento em que escreviam. Esse olhar para o passado marcou grande parte da produção do período, em obras literárias que identificavam a autêntica beleza e o autêntico espírito argentino fora daquela Buenos Aires da passagem do século XIX para

o XX. As virtudes da cidade do passado contrastavam com os vícios da cidade do presente.

Buenos Aires versus Paris

París, la Gare d' Orleans, que parece plantada desde principios del mundo, el mismo ómnibus o el mismo fiacre de siempre, como el cochero que, amoldándose a su oficio, se perpetua idéntico. (...) Antes que la memoria, los ojos constatan que los mismos establecimientos, las mismas tiendas, los mismos negocios se encuentran en los mismos sitios, y la obsesión de la inmutabilidad estalla cuando, a la tarde, en una mesa del mismo viejo restaurant, el mismo mozo, con el cabello blanco ya, os saluda por vuestro nombre y emprende la tarea eterna de confeccionar un menú que resulta siempre el mismo (CANÉ, 1918, p. 52).

Cané estava em Paris quando, em março de 1896, escreveu “*Paris, sensación de llegada*”, uma das notas escritas por ele durante o período que ocupou o cargo de embaixador na França, as quais eram então assinadas pelo pseudônimo *Travel* e publicadas no periódico bonaerense *La Prensa*. Em 1901, Cané as publica na coletânea “*Notas e impresiones*”, já com sua assinatura. No fragmento acima, vemos que Cané repetiu insistentemente o vocábulo “mesmo” a fim de enfatizar a ausência de mudanças diante da passagem do tempo, destacada por ele como característica própria de Paris. Em sua descrição, a cidade continuava sempre a mesma, e por isso passava a impressão de familiaridade a quem a ela retornava depois de pouco ou muito tempo de ausência: tudo permanecia igual ao que era antes de sua partida. Tanto as coisas quanto as pessoas se perpetuavam idênticos: a carruagem tal como o cocheiro, o garçom, tal como o velho restaurante. A única marca evidente da passagem do tempo eram os cabelos brancos do garçom, sinal, contudo, do envelhecimento natural a que todo ser humano está submetido, e não de uma transformação abrupta ou processada artificialmente. Desse modo, Paris não exigia que o observador recorresse à memória a fim de reconhecê-la.

Tampouco era necessário um esforço cognitivo para desvendar seus novos caminhos. Os olhos constatavam prontamente que tudo continuava no mesmo lugar. Paris era ainda a mesma cidade “plantada desde o princípio do mundo”.

Impossível acreditar que a Paris do final do século XIX era tão estática e serenamente perene como Cané a descreveu. Não pretendo, contudo, averiguar o grau de veracidade da descrição de Cané das ruas de Paris, mas sim indagar as razões pelas quais o intelectual portenho a representou dessa maneira e como essa imagem de uma Paris imutável funcionou em sua reflexão como uma forma de evidenciar, pelo contraste, a aceleração e o caráter excessivamente cambiante de Buenos Aires. Nessa mesma crônica, Cané questionou como um argentino poderia sentir que regressava ao seu lar se este havia se tornado um caleidoscópio, se tudo o que era próprio da cidade de sua infância havia se transformado completamente e em seu lugar surgia outra coisa, tão inesperada que chegava a parecer inverossímil:

Ahora figuráos un argentino que en el último cuarto de siglo sólo haya venido a Buenos Aires cada cinco o seis años. Embarcado en carreta, lancha, ballenera y vaporcito a su regreso, atónito, toma el tranvía en la dársena sud. Marcha en un boulevard por donde era río; llegado a la plaza de la Victoria se encuentra con que todos los aspectos de su infancia, esas visiones que vinculan profundamente para una vida entera, se han transformado. En un primer regreso, la torre del Cabildo desaparecida; más tarde la Vieja Recova, luego el teatro Colón, la clásica esquina Olaguer y, por fin, la Avenida de Mayo, que se abre sobre ante sus ojos tan inesperada, tan insólita, que parece inverosímil. ¿Cómo es posible que en ese kaleidoscopio constante se llegue a la sensación del hogar? (CANÉ, 1918, p. 52)

Onde havia um rio há agora uma avenida, edifícios erguidos há mais de um século eram descaracterizados ou simplesmente desapareciam para darem lugar a uma nova configuração arquitetônica. Cané revela assim o incômodo de prever que no seu retorno à cidade não encontraria nem um traço intacto da antiga cidade de sua infância:

Pero es igual; a riesgo de ser tratado como cafre, bárbaro o visigodo, confieso que me sería bien grato, de regreso a mi patria, ver algún aspecto de mi infancia, algún delicioso Hueco de Cabecitas, con mucho pantano y mucha pita, que me recordara las rudas batallas a pedradas o los feroces entreveros a mosquete limpio, páginas gloriosas que cantan en la memoria de mis primeros años. (CANÉ, 1918, p. 54)

Com essas palavras, Cané evocou não apenas uma série de aspectos físicos que desapareceram de Buenos Aires a partir das reformas urbanas de Torcuato de Alvear – a torre do Cabildo, a Recova Vieja, o antigo teatro Colón – mas também acontecimentos históricos e costumes – tais como as batalhas “travadas a pedradas” no antigo terreno baldio conhecido como *Hueco de las Cabecitas*, agora a ajardinada Plaza Vicente López, no bairro da Recoleta – que, de algum modo, levaram com eles a particularidade daquele lugar, bem como seu sentimento de pertencer a ele. Ao final do século XIX, o intelectual portenho já não conseguia se reencontrar com a cidade de sua infância a não ser por meio de sua própria memória, única referência ao passado que permanecia segura.

Na Paris descrita por Cané, o gentil garçom já com cabelos brancos que cumprimentava os fregueses pelo nome não havia se tornado proprietário de um novo estabelecimento, nem partido para a América para tentar uma vida nova, mas se mantinha trabalhando no mesmo restaurante, exercendo a mesma função, ditando aos fregueses o mesmo cardápio. A imutabilidade valorizada por Cané não se resumia aos costumes ou à paisagem urbana, incorporava ainda a permanência do lugar que cada um ocupava socialmente para manter a imagem de uma cidade estática.

Cané destacou diversos aspectos de Paris e de Buenos Aires, comparando-os, criticando-os, refletindo sobre os caminhos do progresso da “sua” cidade, as características entendidas por ele como desvios de seu destino civilizado, mas também sobre a corrupção de valores e a decadência que muitas vezes parecia marcar a experiência das urbes modernas como um todo, inclusive de Paris e de outras cidades europeias. Cidades como Paris, Londres e Viena chamaram a atenção de Cané desde sua

primeira viagem à Europa, em 1870, e a partir de então suas impressões sobre o continente tiveram uma profunda relação com as suas grandes cidades.

Buenos Aires seria a partir de então constantemente comparada por ele a essas metrópoles europeias, provocando ora satisfação ora desencanto, mas sempre condensando sua percepção sobre as transformações da sociedade argentina naquele contexto. Mas Cané também observou as transformações ocorridas nessas cidades europeias tomadas como modelo com receio, identificando também nelas um afastamento em relação ao ideal de cidade virtuosa que buscava nas antigas cidades greco-romanas. Na nota também escrita enquanto ocupava o cargo de embaixador e posteriormente publicada em *Notas e impresiones “El extranjero en París”*, Cané afirmou a decadência de Paris quando comparada à Atenas quanto a sua missão civilizadora: “*de día en día [París] va perdiendo los rasgos estéticos, los cultos artísticos que parecían destinarla a perpetuar la función civilizadora de la ciudad de Pallas*” (1918, p. 99).

A missão civilizadora de Paris era corrompida, para Cané, por seu afastamento desse ideal das cidades que ele considerava como o berço da cultura ocidental e pelas transformações materiais impulsionadas pelo desenvolvimento material do mundo burguês. Em “*A prisa, a prisa*”, mais uma das crônicas da mesma coletânea, Cané criticou a invasão das ruas de Paris pelos automóveis, os quais exibiam, segundo ele, um “*espectáculo desgraciado de un coche sin caballo, moviéndose sin gracia, como un cuerpo humano amputado, que se arrastra hábil y desairadamente*” (1918, p. 166). Apesar de admitir que o automóvel fosse o veículo do futuro, tratava-se de um veículo ruidoso, desprovido de encanto e revelador da pressa que acometia o homem urbano dos novos tempos, pressa esta ironizada com a seguinte conclusão ao fim do texto: “*¡A prisa, a prisa! La vida se acorta, el mundo se estrecha y en el orden moral los vagos e indefinidos horizontes del pasado desaparecen; agitémonos en este movimiento febril, para tener, por lo menos, la ilusión de marchar hacia un objetivo*” (1918, p. 176).

As cidades modernas se transformavam aceleradamente e, para Cané, sua implicação era o advento de um mundo em transformação que se justificava pela transformação em si, sem que houvesse um objetivo civilizador dirigindo esse processo. Por isso, até mesmo Paris, não a Paris ideal, destinada a perpetuar a imagem civilizadora da cultura ocidental, mas a Paris real, onde seus habitantes e visitantes se locomoviam, trabalhavam, moravam, experimentava, aos olhos de Cané, um período de decadência. A necessidade de se locomover velozmente, o consumo de mercadorias úteis e inúteis, o progresso material, para onde tudo isso estava levando? E, ainda mais importante, que hábitos e valores do passado as transformações do presente estavam derrubando a fim de se desenvolverem? Tais questionamentos foram fundamentais para aqueles que temiam que a mudança se justificasse pela própria mudança, mais que pelos seus resultados, decorrências que, por sua vez, se tornavam cada vez mais difíceis de serem controladas. O futuro, como realização do ideal de progresso, deixava de ser identificado como um caminho seguro. Algumas consequências da modernização material foram então avaliadas como sinais de degeneração moral e estética por Cané e outros intelectuais nostálgicos, os quais idealizaram as virtudes das cidades do passado.

Nesse sentido, até mesmo produtos de avanços tecnológicos, tais como a eletricidade, um poderoso símbolo da modernidade, foram vistos como produtores de monotonia e vulgaridade, tal como podemos observar nesse fragmento da carta escrita em 1892 pelo intelectual portenho Rafael Obligado dirigida a Joaquín Víctor González, para servir de prólogo ao romance *Mis montañas*:

Obedeciendo quizás a una fuerza extraña a mi naturaleza o a despótica sugestión, he ensalzado alguna vez al progreso, a esa evolución más o menos rápida que va concluyendo con el pasado y arrastrándonos a un porvenir que será grande y próspero, así lo deseo, pero nunca tan interesante como aquél, ni tan rico para el arte, ni tan característico y genuino para la personalidad nacional. Desgraciadamente la electricidad y el vapor, aunque cómodos y útiles, llevan en si un cosmopolitismo irresistible, una potencia igualitaria de pueblos, razas y costumbres, que después de cerrar toda fuente de belleza, concluirá por abrir cauce a lo monótono y vulgar (OBLIGADO, 1994, p. 14).

Ainda que tenha afirmado fazer votos de que o futuro argentino fosse grande e próspero, Obligado não deixou de apontar o progresso material como o caminho que levaria a vida moderna, com seu cosmopolitismo igualador, à monotonia e à vulgaridade. Cômodos e úteis, os avanços tecnológicos do presente poderiam até tornar a vida mais fácil, mas, em contrapartida, menos interessante, característica e bela. Suprimir o passado em nome do progresso seria, portanto, um problema tanto ético quanto estético.

Essa carta-prólogo foi datada e assinada por Obligado em Buenos Aires, onde estava, segundo ele próprio, há poucos dias e já com vontade de partir. Rafael Obligado era portenho, e foi, tal como Cané, um dos fundadores da Faculdade de Filosofia e Letras de Buenos Aires. Vivia, contudo, numa estância ao Noroeste, à beira do rio Paraná. Ao afirmar que preferia passar suas horas lendo o romance *Mis Montañas* que nos clubes da capital, revelou impaciência diante de um lugar que lhe parecia corrompido pelo cosmopolitismo irresistível a que se referiu na passagem transcrita acima. Dificilmente se poderia encontrar naquela cidade algo de rico, característico e genuíno para o que ele chamou de “personalidade nacional”, tal como se achava em regiões não maculadas pelo progresso. Tal como Cané, pretendia evocar a beleza do simples e do rústico, abordando muitas vezes a imagem do não urbano e do não modernizado, com suas paisagens e personagens, como protagonistas de um mundo ao mesmo tempo pitoresco, harmônico e virtuoso.

Como vimos anteriormente, Oscar Terán (2008) avalia os discursos nostálgicos e conservadores desses intelectuais finisseculares frente aos impactos da modernização por meio do recurso à metáfora da “lança mítica”, capaz de curar as feridas que ela mesma produz, remetendo à busca pelas tradições patrícias do passado para remediar o cosmopolitismo do presente. Para Rama, intelectuais buscaram criar por meio da escrita uma estabilidade capaz de dar sentido às mudanças até então desconhecidas por eles.

Para tanto, o desejo de controlar o novo por meio das letras se relacionava não só às tarefas de constituição das literaturas nacionais, da incorporação à letra culta e urbana de elementos da tradição oral e rural que se dissolviam, mas também da descrição de paisagens, tipos e costumes do próprio meio urbano, que se alterava aceleradamente, a partir de práticas costumbristas. “Se com o passado dos campos constrói as raízes nacionais”, afirma o escritor uruguaio, “com o passado urbano constrói as raízes identificadoras dos cidadãos” (1985, p. 98). Tal preocupação seria de suma importância numa época em que a cidade real e o entorno rural ao qual procurava dominar passavam por um processo de transformações que geravam incertezas e estranhamento para essas elites.

O arrasamento ou não de marcos carregados de significado histórico em cidades que passavam por reformas urbanas, por exemplo, gerou intensos debates, pois não era uma unanimidade que o moderno devesse se construir a partir da derrubada ou do afastamento do antigo. Se Sarmiento foi um defensor da expansão de Buenos Aires para longe do seu antigo centro, pois pensava que quanto mais afastada daqueles velhos símbolos da *Plaza de la Victoria*, mais concretas seriam as possibilidades de se realizar um verdadeiro avanço estético e moral naquela sociedade, a solução adotada em Buenos Aires viria a conciliar *gran aldea* e metrópole por meio da remodelação modernizadora daquele mesmo espaço (GORELIK, 2004). E, desse modo, a antiga praça permaneceria como símbolo cultural e político principal da cidade, mas com uma aparência e um ritmo totalmente novos.

Por fim, parece-me importante acrescentar que Cané criticou a facilidade com que a paisagem urbana de Buenos Aires se transmutava não apenas por ser um dos resultados gerados pela preponderância dos progressos materiais em detrimento dos progressos morais, apelando para a necessidade de manutenção das antigas tradições e hierarquias que tal entendimento de progresso acarretava. Cané acrescentou ainda uma dimensão racial na sua crítica aos rumos da modernização urbana. Em “*Paris, sensación de llegada*”, argumentou que a mutabilidade não só de Buenos Aires, mas das cidades

latino-americanas em geral, estava associada à falta de apego ao lar, própria de uma sociedade originada a partir da mescla com povos indígenas americanos e negros africanos que, segundo ele, não tinham o mesmo amor pela sua aldeia, por sua casa e sua família que as “raças greco-latinas”. Sem em momento algum considerar que na África e na América lares foram desfeitos não por um nomadismo inerente, mas pela violência da imposição colonial, Cané articulou as origens não brancas nas sociedades latino-americanas com as ideias de desleixo e de improviso. Em suas palavras:

Al contrario de lo que pasa en nosotros, es decir, de los que no tenemos el honor de descender de indios americanos o negros africanos, que guardamos en el fondo ariano de nuestra alma el culto atávico de la casa, del hogar en que ardía el fuego de la familia, del lar, del penate, pareceme que en nuestras nuevas sociedades no existe el amor profundo a la villa, a la aldea, ao campanario, que ha sido el rasgo fundamental de las razas greco-latinas. Vivimos a prisa, en casas alquiladas, y si edificamos pronto la vendemos. Improvisamos ciudades de una banalidad tan suprema, que cualquier hombre sin canas recuerda haber atravesado los campos en que hoy se cruzan avenidas sin piedad o si extienden empedrados sin entrañas (CANÉ, 1918, p. 53).

Além de evidenciar seu desprezo pelas origens indígenas e africanas da América: “no tenemos el honor de descender de indios americanos o negros africanos”, afirmando possuir “alma ariana”, nessa passagem do texto Cané identifica a mutabilidade, o improviso e o desapego com a paisagem e as tradições urbanas como traços característicos das “raças” por ele desprezadas e não como resultado das transformações processadas a partir do próprio desenvolvimento colonial. Nas cidades latino-americanas se vive apressadamente, em casas alugadas erguidas em ambientes urbanos improvisados, sem a menor piedade de arrasar tudo o que foi construído para dar lugar ao novo, novo este que, em seguida, se reverte em obsoleto e é novamente arrasado, graças ao próprio padrão de desenvolvimento imposto pela modernização colonial capitalista. Mas Cané só foi capaz de enxergar essa mutabilidade como discrepância entre a função civilizatória que a cidade europeia ideal – a Atenas clássica,

a Paris imóvel – deveria cumprir e a desordem que as cidades modernas reais – inclusive a Paris finissecular invadida pelos automóveis – se tornavam diante dos seus olhos.

A partir de uma perspectiva conservadora e aristocrática, Cané atribuiu a Buenos Aires uma defasagem civilizacional que se articulava com uma defasagem racial: “maculada” tanto por suas origens indígenas e africanas, como pelos imigrantes europeus que, embora brancos, não estavam colaborando para criar a idealizada cidade europeia fincada na América do Sul, contribuindo, ao contrário, para tornar a cidade que Cané entendia como extensão de seu próprio lar cada vez mais incontrolável e heterogênea.

Considerações finais

A cidade tem sido avaliada como um elemento central para a compreensão dos processos culturais, políticos e econômicos que inserem a América Latina na órbita da modernidade ocidental por diversos estudiosos, como vimos no primeiro subitem deste artigo. As construções e as transformações engendradas nas cidades, ou a partir delas, expressaram o desejo tanto das classes letradas coloniais quanto das elites modernizadoras nas nações independentes de ordenarem e gerirem segundo seus termos o desenvolvimento das sociedades latino-americanas (RAMA, 1985). Nesse sentido, a cidade é o local a partir do qual diagnósticos e projeções são criados e criticados, local “inventado” para servir de intercâmbio entre a heterogeneidade das realidades locais e a imposição de um destino moderno, ocidental e capitalista, pretensamente universal.

Isso não significa que a reflexão sobre as transformações urbanas tenham sido exclusividade do projeto modernizador das elites letradas. Reformas urbanas concebidas pelo poder público, que contavam com engenheiros, arquitetos, urbanistas e médicos

sanitaristas encarregados pelas reformas urbanas, transformaram as cidades tanto quanto as modificações introduzidas cotidianamente por seus habitantes a partir de suas táticas de (sobre)vivência. A despeito dos projetos de modernização empreendidos desde cima, as transformações espontâneas, frutos de realidades locais dinâmicas, também transformaram a aparência e a sociabilidade urbana, provocando em vários casos reações conservadoras e aristocráticas.

Miguel Cané foi um dos intelectuais latino-americanos que melhor sintetizou a frustração com o rumo da modernização de “sua” cidade: apesar das reformas urbanas que a calçaram, arborizaram e ampliaram suas vias de comunicação e abastecimento e dos imigrantes europeus que transformaram seu perfil populacional, a Buenos Aires da passagem do século XIX para o XX parecia para Cané um espetáculo deprimente aos olhos de um integrante do velho patriciado portenho.

A passagem do entusiasmo ao desencanto cedo se evidenciou no pensamento de Cané, explicitada em seu olhar sobre a modernização e seus efeitos, sobretudo na cidade de Buenos Aires, a qual sempre exerceu um papel central em suas reflexões. Como muitos outros intelectuais latino-americanos contemporâneos, Cané condensou grande parte das expectativas em relação ao futuro da região nas virtudes das sociedades urbanas, principalmente das cidades capitais, onde foram recriados os modelos das metrópoles europeias. O progresso não trouxe, contudo, os efeitos esperados pelas elites modernizadoras. A Buenos Aires culta e refinada, vista por Cané como uma referência de civilidade e bom gosto na América do Sul em 1883 (CANÉ, 1917, p. 19), uma década mais tarde foi descrita como uma babel cujo caráter cambiante torrava impossível que um portenho se sentisse em seu próprio lar (CANÉ, 1918, p. 53). Ao identificar um descompasso entre progresso material e progresso moral, Cané lamentou o distanciamento cada vez mais evidente da Buenos Aires patricia – pressionada por uma burguesia inculta e por empregados imigrantes insubmissos – do ideal da cidade greco-romana, irradiadora daquilo que, a partir de seu pensamento aristocrático, entendia como as “virtudes” da cultura ocidental.

Bibliografia

ALBERDI, Juan Bautista. “Bases y puntos de partida para la organización política de la República Argentina”. In: *Organización de la Confederación Argentina*. Tomo I. Besanzon: Imprenta de José Jacquin, 1858.

ANSOLABEHERE, Pablo. Leandro Losada. *La alta sociedad en la Buenos Aires de la Belle Époque*, Buenos Aires, Siglo XXI, 2008. In: *Prismas*, vol. 13, n. 1, jun., 2009.

ARAUJO, Viviane da Silva. “De grande aldeia a metrópole: reforma urbana, fotografia e discurso do progresso em Buenos Aires (1880-1885)”. In: *Revista Maracanan*. vol. 12, n.14, p. 175-189, jan/jun 2016.

BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade*. Trad. Carlos Felipe Moisés e Ana Maria L. Ioriatti. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

CANÉ, Miguel. *En viaje* [1884]. Buenos Aires: La Cultura Argentina, 1917.

CANÉ, Miguel. *Expulsión de extranjeros (apuntes)*. Buenos Aires: Imprenta de Sarrailh, 1899.

CANÉ, Miguel. *Notas e impresiones* [1901]. Buenos Aires: La Cultura Argentina, 1918.

CANÉ, Miguel. *Prosa ligera* [1902]. Buenos Aires: A. Moen Ed., 1903.

CIBOTTI, Ema. “Del habitante al ciudadano: la condición del inmigrante”. In: LOBATO, Mirta Zaida (org). *El progreso, la modernización y sus límites (1880-1916)*. Buenos Aires: Sudamericana, 2010.

DOMENECH, Eduardo. “Inmigración, anarquismo y deportación: la criminalización de los extranjeros ‘indeseables’ en tiempos de las ‘grandes migraciones’”. In: *REMHU*. Brasília, Ano XXIII, n. 45, jul./dez. 2015.

GORELIK, Adrián. “Ciudad, modernidad, modernización”. In: *Universitas Humanística*. Pontificia Universidad Javeriana, Bogotá, 2003.

GORELIK, Adrián. *Miradas sobre Buenos Aires: historia cultural y crítica urbana*. Buenos Aires: Siglo XXI, 2004.

MIGNOLO, Walter. “Colonialidade: o lado mais escuro da modernidade”. In: *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. Vol. 32, nº 94, jun., 2017

OBLIGADO, Rafael. “Prólogo”. In: GONZÁLEZ, Joaquín V. *Mis montañas*. Buenos Aires: Secretaria de Cultura de la Nación/ Editorial Marymar, 1994.

O’GORMAN, Edmundo. *Invenção da América*. São Paulo: Editora UNESP, 1992

RADOVANOVIC, Elisa. *Buenos Aires. Ciudad Moderna 1880-1910*. Ediciones Turísticas de Mario Banchik, 2002

RAMA, Angel. *A cidade das letras*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

RIO, João do. *A alma encantadora das ruas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

ROMERO, José Luis. ROMERO, Luis Alberto (orgs.) *Buenos Aires: historia de cuatro siglos*. Tomo II. Buenos Aires: Editorial Abril, 1983.

ROMERO, José Luis. *América Latina: as cidades e as ideias*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2009.

SARLO, Beatriz. *Una modernidad periférica: Buenos Aires 1920 y 1930*. Buenos Aires: Nueva Visión, 2007.

SCHORSKE, Carl E. *Pensando com a história: indagações na passagem para o modernismo*. Trad. Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

TERÁN, Oscar. *Vida intelectual en el Buenos Aires fin-de-siglo: 1880-1910: derivas de la cultura científica*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2008.

VALDÉS, Eduardo Devés. *El pensamiento latinoamericano en el siglo XX: entre la modernización y la identidad*. T.1 Del Ariel de Rodó a la CEPAL (1900-1950). Buenos Aires: Biblos, Centro de Investigaciones Diego Barros Arana, 2000.